# NASCEU CRIANÇA!

Eliana da Silva

Era uma vez um rei que tinha um coração muito bom, só que ele adoeceu e morreu, deixando em seu lugar seu filho, que não seguiu o seu bom exemplo e fez muitas maldades para seu povo.

Essa é uma história clássica, não é mesmo? Reis que fazem o mal, que pensam serem deuses, tudo podem, tudo querem.

Foi exatamente o que aconteceu na história do Reizinho Mandão. O rei fez tantas maldades que o povo perdeu a alegria de viver e ficou mudo, não havia mais riso, não havia mais canto.

Mas uma criança, uma menina de tranças, devolveu a alegria ao povo, mostrou para o rei que ele não podia tudo não!

> "Cala a boca já morreu
> Quem manda na minha boca
> sou eu."

Mandar na boca, nas pernas, no útero, na consciência, nas vontades. Traçar seu próprio destino. Não ser mandado, nem oprimido, poder ser livre, ter dignidade e respeito. Poder nascer, crescer, brincar, estudar... Não é isso que queremos para as nossas crianças?

O povo da Bíblia também. Apesar dos reis mandões que apareciam de vez em quando, querendo controlar a vida de todo mundo, o povo também teve meninas de tranças, ou melhor, homens, mulheres e crianças que resistiram e calaram a boca de muitos reis. A história das parteiras em Êxodo 1,15-22 é um bom exemplo.

Texto tantas vezes lido por nosso povo. Tanto já foi dito e escrito sobre ele. Quantas lutas e resistências alimentadas por Sefra e Fua.

Apesar de muita reflexão ter sido feita sobre Ex 1,15-22, proponho uma nova visita a essa história. Revisitá-la a partir das crianças que estão indefesas no texto, que ainda vão nascer, que talvez nem nasçam e que não sabem da existência de reis mandões e de mulheres tão valentes. Revisitá-la a partir do grito das meninas e dos meninos de hoje. Não vivemos mais em época de reis mandões (será?), mas ainda vivemos em meio a situações de opressão e morte e as crianças são as que estão na ponta, sofrendo as conseqüências de um projeto que não dá vida digna às famílias e por isso faz das crianças as mais atingidas pela falta de saúde, educação, moradia, terra e infância.

Por isso convido vocês a fazerem essa leitura de mãos dadas com nossa menina de tranças e que a sua ousadia e alegria nos inspire a encontrar esperanças e caminhos de libertação.

**As parteiras dizem não!**

Quando lemos Ex 1,15-22 percebemos que se trata de uma história que tem mais de um nível redacional. A divisão que proponho leva em conta esses diferentes níveis, apesar da dificuldade de precisar suas origens:

v. 15 - Apresentação
v. 16-19 - A história das parteiras
v. 20-21 - Conclusão
v. 22 - Abertura para a próxima perícope

No v. 15 temos a apresentação dos personagens. É curioso o fato de as parteiras receberem nomes e o Rei não. Penso que o motivo seria a inversão feita pela lógica popular: as parteiras são heroínas, representam a vitória do povo sobre o projeto do rei e por isso merecem nomes, e bonitos (Beleza e Esplendor). Já o rei não merece, é igual a todos os reis, representa a opressão. Esse versículo parece não fazer parte da história original (v. 16-19); está sobreposto ao v. 16. Anuncia uma fala do rei que só vai acontecer no verso seguinte.

Os v. 16-19 são a história propriamente dita. Sustenta-se sozinha, não parece depender do restante da narrativa, tem um caráter de sabedoria popular.

Os v. 20-21 estão concluindo a história. Poderiam ser separados. O v. 20 se relaciona com os v. 9 e 12 da perícope anterior e traz à tona novamente o problema do povo forte. O v. 21 parece se ligar com o v. 15, lá as parteiras recebem nomes, aqui casas. Mas creio que podemos juntá-los como uma única conclusão: a ação das parteiras faz que o povo continue crescendo e se fortalecendo e que elas sejam lembradas por Deus e recebam casas.

O v. 22 abre para a próxima cena. A não eficácia do plano de matar os meninos quando estes estavam para nascer faz necessário uma nova medida. Esta está relacionada com a história do nascimento de Moisés (Ex 2,1-10).

O que chama a atenção é a quantidade de vezes (12) em que aparece a raiz *yld* "nascer": parteiras, parto, nascer, crianças. Por aí se percebe onde está centrada nossa história. Uma história de mulheres e crianças. Mulheres que estão para dar à luz, mulheres que ajudam no dar à luz e crianças que saem à luz. A história independente dos v. 16-19 talvez seja mais antiga. Poderia ter sido contada em qualquer época e lugar onde houvesse ameaça à vida de crianças. História contada e recontada muitas vezes em beira de poço, em roda de conversas, em festas, na beira do fogão, em brincadeira de crianças. Estava no imaginário popular, fazia parte da sabedoria popular. Anedota que ria da tal "sabedoria" do rei contra a astúcia das mulheres.



É difícil precisar em que época surgiu essa história. Tantos são os momentos de opressão na Bíblia em que se fazia necessário uma história como essa para reacender a esperança. E quantas histórias seguem o mesmo modelo: em situação de morte, mulheres reagindo em favor da vida.

Penso que essa história nasceu de um mesmo ambiente: círculos populares que no dia-a-dia da vida foram construindo a resistência e lutando contra as opressões decretadas. E nestes mesmos círculos as histórias vão sendo memorizadas, ganham asas.

Mas qual a intenção de colocar tal história no início do livro do Êxodo, entrelaçada a outras histórias de resistências e lutas que vão desembocar na experiência de libertação?

A redação do livro do Êxodo parece juntar muitas histórias. Histórias contadas em diferentes épocas, por diferentes grupos. Mas um elemento une essas histórias e faz delas experiência única de um povo: estratégias de resistência e o desejo de liberdade. Talvez seja por isso que o êxodo seja a experiência matriz, pois recolhe muitas outras experiências que passam a ser lembradas em toda a história do povo de Deus como um exemplo de libertação.

A história das parteiras está dentro desse processo. Colocá-la no início tem uma intencionalidade redacional comprometida com todo o projeto do Êxodo. A luta pela libertação, que ficará para sempre na memória do povo de Israel, começa com histórias de libertação. Desde o início o Êxodo aponta novos tempos.

Outra pergunta pertinente é a ligação dessa perícope com o bloco narrativo de Ex 1–15. Apesar de ser uma história independente temos nos v. 15 e 20-22 a ligação da pequena história com o restante da narrativa.

Primeiro a ordem do rei está na mesma linha de medidas contra o aumento da população da perícope anterior (1,1-14).

A ordem às parteiras vem de encontro à não solução do problema do crescimento do povo pelas medidas de aumento dos trabalhos forçados. A uma medida na esfera da produção temos outra na esfera da reprodução. O v. 20 conclui dizendo que o povo cresceu e se tornou forte.

Já o v. 22 abre para a próxima cena: a história de Moisés, uma criança que não deveria ter nascido, mas nasce pela mesma coragem e ousadia de mulheres. Novamente a solução para o problema se dá pela iniciativa de mulheres (mãe e irmã de Moisés, servas e princesa egípcias).

É importante então concluir que a resistência cotidiana de mulheres no início do livro do Êxodo já prenuncia o que virá. A libertação se constrói no dia-a-dia. Fazer as crianças viverem é garantir o futuro livre do povo. Daí vem o povo forte que ameaça o poder do rei, daí vêm lideranças como Moisés que ajudarão na libertação.

As crianças aparecem no texto indefesas. São objeto de preocupação para o Rei pela ameaça que poderão representar no futuro e para as mulheres são motivo de desobediência e luta pela vida.

Nos dois casos elas representam o futuro: a possibilidade de se tornar um povo forte com potencial subversivo e também a possibilidade de, sendo um povo forte, apontar esperanças de libertação.

Já no livro do Gênesis temos a presença das crianças como sinal da concretização das promessas de Deus a Abraão. Ter filhos representa a continuidade da vida. Aqui no Êxodo essa situação está também presente: as crianças são ameaça ao poder e, ao mesmo tempo, símbolo de vida para o povo.

Na Bíblia as crianças fazem parte das histórias do povo. Estão misturadas com os problemas, alegrias, dores e esperanças. Mesmo que elas não apareçam explicitamente no texto, sabemos que elas estão ali. Participando da resistência que vai desembocar no êxodo, caminhando pelo deserto até a terra prometida, assistindo as lutas pela tomada da terra, ou simplesmente o assentamento na nova terra. Ouvindo as histórias que falam de um Deus que caminha à frente do povo. E também nos momentos de sofrimento, fome, guerras, deportações. Elas vão vivendo todos esses momentos, vão fazendo experiências, aprendendo a ser povo de Deus (veja Dt 6,20-23).

É interessante notar também a presença das crianças simbolizando a profecia. Penso que as histórias de resistências presentes no livro do Êxodo estão na mesma linha das histórias de resistências dos relatos proféticos (Elias, Eliseu, Oséias, Isaías). A impressão que dá é que são histórias nascidas nestes círculos populares de profecia, onde a luta pela vida se caracterizava pelo enfrentamento diário de situações de opressão forjadas nos palácios. As crianças estão sofrendo junto com seu povo as conseqüências de uma política econômica suicida (Os 1–2, Is 7,1-9; 1Rs 17,17-24; 2Rs 4). Seus corpos são símbolos da opressão que seu povo sofre; à medida que sentem fome, adoecem ou morrem carregam neles a denúncia e a resistência.

**Concluindo**

Gostaria de concluir esse artigo trazendo para nosso meio uma das crianças salvas pela atuação corajosa das parteiras. Imaginem ela contando a sua história, dizendo que foi salva porque duas mulheres desobedeceram a um rei muito mau. E como essa criança cresceu, se juntou com seus irmãos e irmãs e seguiu resistindo.

Trago essa criança porque penso nas crianças de hoje do Brasil e da América Latina. Aprendem a resistir desde cedo porque também são vítimas de mortes decretadas. Não têm pão, nem casa, nem escola, nem tempo de brincar, se desenvolver...

Mas continuam nascendo. Estão nos bairros empobrecidos, nas ruas, nos cortiços, nos acampamentos, nas instituições etc. Seus olhinhos ao ver o mundo pouco



entendem. Só querem viver, poder comer e brincar. Pedem uma chance mesmo sabendo que incomodam, atrapalham.

Nasceram de uma resistência inconsciente e, se conseguiram escapar da morte no primeiro ano de vida, acreditam que devam lutar para – quem sabe – viver mais um dia.

São milhares de crianças que têm nos seus corpos, visivelmente desnutridos, mal vestidos, sujos, doentes, o retrato mais cruel da realidade miserável que vive nosso povo. São denúncias proféticas concretas.

Seus corpos simbolizam a resistência de continuar nascendo e nos pedem que busquemos uma solução. Que possamos desobedecer às ordens de morte hoje e que sejamos corajosas e corajosos como as parteiras, que as deixemos viver e crescer, que não tenhamos medo de calar a boca que profere sentenças de morte.

Elas estão aí. Pedem de nós a ousadia de não termos medo e a esperança de que elas continuem aí, vivas e sendo crianças de verdade.

**Bibliografia**

ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. "A mulher na memória do Êxodo". In: *Estudos Bíblicos: A memória popular do Êxodo,* nº 16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p. 38-51.

ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. *Êxodo 1–15: a formação do povo.* São Paulo, CEPE (Centro Ecumênico de Publicações e Estudos Frei Tito de Alencar Lima), 1992, 73 p.

ROCHA, Ruth. *O reizinho mandão.* Editora Melhoramentos, São Paulo.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. "Um Êxodo entre muitos êxodos. A beleza do transitório obscurecida pelo discurso do permanente: uma leitura de Êxodo 1–15". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana,* nº 23, Petrópolis/São Leopoldo, Editora Vozes/Editora Sinodal, 1996, p. 79-91.

SCHWANTES, Milton. "A origem social dos textos". In: *Estudos Bíblicos: A memória popular do Êxodo,* nº 16, Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p. 31-37.

VÁRIOS. "As parteiras: 'As mulheres hebréias são cheias de vida!' (Ex 1,15-22)". In: *Estudos Bíblicos: A mulher na sociedade tribal,* nº 29, Petrópolis/São Bernardo do Campo/São Leopoldo, Editora Vozes/Imprensa Metodista/Editora Sinodal, 1991, p. 33-39.

*Eliana da Silva*
Rua Itapira 119
Baeta Neves
São Bernardo do Campo – SP
09760-790